

## A qualidade de vida e o novo edifício da FLUP

*Prof.<sup>a</sup> Doutora Margarida Losa*

Após a minha licença sabática no ano de 1995-96, reingressei ao serviço já no novo edifício, em Outubro de 1996. De então para cá tenho tido vários confrontos menos amigáveis com o mesmo. Sei que muitos colegas e funcionários, assim como alunos, se queixam dos mais variados aspectos. Seria útil, a meu ver, criar-se uma espécie de provedoria para o melhor aproveitamento possível do edifício, após auscultação do maior número possível dos que aqui trabalham e estudam.

Entretanto, permitam-me apenas elencar algumas ideias perfeitamente avulsas que me têm ocorrido no sentido de humanizar o edifício. Naturalmente que haveria que eventualmente reunir um grupo de pessoas realmente interessadas nesta questão para sistematizar um conjunto de propostas credíveis a serem canalizadas para o Conselho Directivo. Permitam-me, portanto, dar só alguns exemplos:

1. Falta um serviço condigno de portaria – Porque não destacar pessoal auxiliar para serviço de portaria? Isto é, nas principais entradas do edifício, pelo menos a da frente e a lateral junto ao parque de estacionamento, deveria estar um contínuo, devidamente instalado e resguardado, para providenciar todas as informações necessárias a quem entra pela primeira vez no edifício. O edifício continua a apresentar-se a quem vem de fora como um labirinto sem guia à vista e sem porteiros.
2. Acessos agrestes – A entrada exterior pela Via Panorâmica está particularmente mal protegida, tanto da chuva como do sol. Um «corredor» coberto, protegendo quem vem a pé, seria um grande auxílio, eventual-

mente flanqueado por alguns bancos de jardim para quem tem de esperar por outras pessoas, ou precisa de descansar um pouco.

3. Equipamentos para deficientes – Falta, por exemplo, na escadaria de acesso à porta principal, uma rampa para deficientes. Poderia vir a ser essa rampa a parte coberta. Chamo a atenção para o facto de que deficientes não são apenas indivíduos em cadeiras de rodas. Há pessoas com outros tipos de deficiências, algumas até pouco visíveis. Nem todos os deficientes se podem deslocar em carros próprios. Aliás, tanto quanto me é dado ver, o acesso pela porta lateral também não está aparelhado para a entrada de cadeiras de rodas.
4. Condições de salubridade, «habitabilidade» e boa convivência no Bar dos Alunos – Para facilitar a passagem do bloco central para a zona do Anfiteatro Nobre deveria, no mínimo, permanecer aberto o corredor do piso superior. Talvez seja possível resguardá-lo com uma placa de vidro rente ao chão se, efectivamente, se pretende evitar a queda de eventual lixo para cima do balcão do bar. Em muitos outros sítios tais resguardos de vidro poderiam ser úteis. Depois, o Bar dos Alunos, a meu ver, precisaria de uma dupla intervenção: reestudar o modo como ele se pode tornar respirável, primeiro, e segmentá-lo com alguns recantos mais confortáveis, eventualmente por meio de pequenas repartições aos cantos, com mesas um pouco maiores. O Bar precisaria de se tornar um espaço mais bem aproveitado e convidativo.
5. Espaços e recantos para se estar e conversar, sem ser na Biblioteca – Há uma notória falta de espaço para se estar neste edifício, seja a conversar, seja a estudar, principalmente no caso dos alunos. Uma proposta radical, digamos, seria a de criar alguns recantos, por exemplo, nos vãos das enormes caixas de ar de cada uma das torres, com base em tabiques e em pequenos sofás como os que estão na Biblioteca. Aí, na Biblioteca, só acabam por incentivar cavaqueiras onde não se deveria estar a conversar e a fazer barulho. Para o estudo, as mesas baixinhas e os sofás sem braços são perfeitamente desadequados. Em seu lugar deveriam estar, sim, mesas de leitura de biblioteca, como por exemplo as individuais, com lâmpada incorporada, que também foram feitas. Porque, aliás, há na Biblioteca uma notória falta de mesas para se estudar. Não é no espaço aberto da Biblioteca que deveria haver sítios para se estar a conversar.

6. Afixação de notas e de informações ao público – A situação de afixação das notas e de informações úteis parece continuar caótica. Dever-se-ia estudar modalidades inteligentes de afixação. Por exemplo, nas Torres A e B, criar no piso O painéis a pendurar nos gradeamentos, bem iluminados, para afixação das notas dos alunos das áreas ligadas a essas torres. É só um exemplo. Mas todas as situações de afixação da informação têm de ser estudadas e devidamente programadas. Assim como tem estado parece mais desinformação do que informação.
7. Ambiente soturno nas torres – Nas torres dos gabinetes dos professores impera um ambiente soturno, de modo geral. Porque não afixar quadros, boas reproduções de pintura, por exemplo, nas paredes de madeira, com iluminação adequada; e também porque não colocar vitrines condignas nos sítios certos, para colocar informações relevantes, nomeadamente por departamento ou secção? Tudo devidamente iluminado, naturalmente.
8. Vegetação adequada nos corredores exteriores – Nos corredores exteriores que ligam as torres porque não colocar alguns «canteiros» rectangulares, baixos e discretos, com plantas adequadas? Se as plantas no interior do edifício poderão estar contra-indicadas atendendo, nomeadamente, ao sistema de ventilação existente – se é que ele existe de facto – o mesmo com certeza não acontecerá no exterior. Esses canteiros poderiam proteger também um pouco essas passagens da chuva rasteira que nos molha os pés quando atravessamos de uma torre para outra.
9. Aproveitamento do espaço dos pátios exteriores – Porque não aproveitar melhor os pátios, por exemplo construindo um coberto bem desenhado e discreto, sob o qual se pudessem colocar mesas compridas e bancos, até eventualmente de madeira, para utilização dos alunos? Mais uma vez, há uma notória falta de assentos em todo o edifício, quer no interior, quer no exterior.
10. Atendimento especializado no Biblioteca – Sou de opinião que deveria haver no piso principal da Biblioteca uma secretária onde, rotativamente, e em horário a afixar, estivesse presente um dos Bibliotecários para dar assistência tecnicamente informada aos utentes dessa mesma Biblioteca. É prática corrente isso acontecer nas Bibliotecas das

Universidades estrangeiras. Não se pode esperar que cada utente possa ir sempre ao piso inferior procurar ajuda. A Biblioteca, a «jóia da coroa» da Faculdade, está também a carecer de humanização.

- II. «Saneamento» da entrada principal do edifício – Por fim, já que se tratou de apenas sugerir exemplos, parece-me óbvio que alguma coisa tem de ser feita para tornar aceitável, até do ponto de vista climatérico, a entrada principal da Faculdade.

Concluindo, haveria que conseguir transformar um edifício que à partida é agreste numa casa onde as pessoas gostassem de conviver. Como gente ligada às humanidades que somos compete-nos usar a imaginação para apropriar aquilo que puder ser apropriado, para tornar este edifício um espaço mais humanizado, onde nos possamos sentir bem. Muito mais haveria a dizer, certamente, mas trata-se apenas de propor um começo.